

PESSIMISMO FILOSÓFICO: A NEGATIVIDADE INTEGRADA NA VIDA

Ingresson Oliveira de Jesus*

*Se tudo desaparecesse
E não ficasse mais ninguém
Somente num dia desses
Eu passaria muito bem
(Matanza)*

Resumo: O presente artigo busca apresentar a filosofia negativa de Cioran e, desse modo, desenvolver ideias sobre a produção intelectual do filósofo. O pessimismo filosófico, corrente de pensamento que caracteriza a filosofia de diversos pensadores inclui uma reflexão sobre o mundo e a *physis*. No contexto dessa corrente de pensamento o filósofo deve centralizar a investigação dos fenômenos da existência através da negação a golpes de punhal, nas ironias e nos paradoxos da vida.

131

Palavras chave: Cinismo. Existência. Morte. Nada. Tempo.

1. INTRODUÇÃO

Entre as diversas tradições da filosofia, encontramos o pessimismo como a doutrina metafísica que tem como atributo o pensamento negativo acerca das eventualidades da vida. Emil Cioran, autor que pode ser enquadrado nesta corrente filosófica, apresenta para o público toda a sua concepção sobre o mundo, sobre a morte e sobre as mazelas da

*Aluno do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: ingressonoliveira@outlook.com. Uma versão anterior do presente texto, com título diferente, foi apresentada na VII Semana de Filosofia, promovida pelo curso de filosofia da Uesb, realizada nos dias 15 a 19 de outubro de 2018.

existência.

Ao pressupor que a vida não tem importância alguma, o filósofo romeno procura construir uma ontologia negativa revelando assim, de forma congruente, todas as questões que lhe vinha à mente, de modo racional, passando por ideias relacionadas à morte, à presença do Nada. O resultado de sua filosofia pode ser equiparado a aceitação, como único alívio das dores do existir, dos devaneios do homem, tanto do otimista como também do medíocre.

Desta forma, o presente texto busca esclarecer o conceito da filosofia negativa, na perspectiva do filósofo Emil Cioran, cujo objetivo é explorar a sua linha de pensamento e tentar expor a visão do pessimismo na vida humana. Nossa pergunta diretriz é esta: qual seria a resposta adequada, da filosofia negativa, às questões metafísicas?

Diante da ontologia cioraneana, buscamos compreender o que é de fato verdade nas coisas, e quais seriam as suas contribuições para a humanidade, desvencilhando assim as possíveis ilusões existentes que podem prejudicar a emancipação do ser humano. Ademais, o homem é o único ser que tem a qualidade de investigar as idiossincrasias do universo. Para solucionar essa questão teremos como foco central a obra *Nos cumes do desespero*, como também alguns textos sobre o filósofo pessimista serão analisados e abordados no decorrer do presente texto. 132

2. CIORAN E O PESSIMISMO

Nos textos do filósofo romeno Emil Cioran, podemos ler todo o seu desespero metafísico, descrito com uma violência assombrosa. Não é de se estranhar que alguns autores, da sua época, o tenha classificado como um louco, desprovido de bom senso e carente de razão. Ao contrário do que muitos pensavam (ou até pensam ainda), as reflexões do filósofo contribuíram bastante para uma nova forma de pensar o sentido da existência, não apenas humana mas de todas as demais e todas as suas idiossincrasias. Através do cinismo, a negatividade cioraniana banaliza e descaracteriza as mazelas da vida cotidiana. De acordo com Paulo Piva:

[...] o pessimista cioraniano parece optar por uma paradoxal e estridente gargalhada perante o *Nada*; ao invés do drama e do

choramingar de outros pessimismos, o pessimista cioraniano decide pelo humor e pela banalização, os quais rejeitariam a morte voluntária sem afirmar de maneira apaixonada e trágica a vida (PIVA, 2002, p.79).

Contudo, o pensamento negativo do filósofo romeno não é fruto de uma causalidade objetiva. Para Cioran, somos isolados de tudo. Todos os homens carregam em si uma densa carga de sofrimento e somente aqueles que enxergam isso é que são capazes de viver de fato. Ao passo que, aqueles que se julgam como sujeitos felizes, possuidores da mais perfeita *eudaimonia* são, na verdade, mais miseráveis do que aqueles que têm conhecimento da sua própria dor, como afirma o filósofo na obra *Nos cumes do desespero*:

Só os medíocres vivem na temperatura normal da vida; os outros se consomem em temperaturas em que a vida não resiste, em que só posso respirar estando com um pé do outro lado da vida (CIORAN, 2011a, p. 27).

133

Segundo o pensamento do jovem amargurado, há experiências às quais, depois de ter passado por elas, não podemos sobreviver. Experiências caracterizadas como algo que remove as vendas dos olhos, possibilitando a quem fez a experiência enxergar o mundo tal como ele é. Desse modo, após passar por tais experiências, nada mais terá significado algum, inclusive o sentido da própria subjetividade humana se perderá no vácuo, se resumindo em uma mera ilusão. De acordo com o filósofo, o próprio fato dele (Cioran) existir prova que o mundo não tem sentido.

Afinal, que utilidade tem a vida de uma pessoa infinitamente perturbada e incapaz de fazer algo para o bem comum? Assim, o único meio de ser útil à humanidade, segundo Cioran, é infligir a agonia para cada homem, com o propósito da purificação coletiva. O resultado esperado e possível, uma vez realizada purificação, seria este: todas as pessoas poderiam ter uma experiência inovadora e transcendental da sua própria existência carente sentido.

Logo, tendo em vista as idiossincrasias deste filósofo romeno, é possível classificá-lo como um pessimista sensato que depois de ter

chegado aos cumes do desespero já não mais enxerga sentido na existência. Através da honestidade filosófica Cioran escreve o que sente, faz da sua escrita um expurgo da última tentação, isto é, do desejo do suicídio. Escrever textos, ensaios e aforismos de fato o salvou da morte, porém, não foi o recurso necessário para o alívio de sua dor crônica gerada pela intuição do Nada. Segundo Petean:

Cioran escreve para que os homens não se deixem dominar ou se curem dos excessos cometidos em nome da razão, da ideia de raça ou da classe. Mas este filósofo romeno escreve também para se manter vivo, para não sucumbir a ideia de suicídio (PETEAN, 2015, p.18).

Através de seus escritos Cioran dissemina arte do pensamento negativo, ou melhor, dissemina uma espécie de apologia da negação. “O Real me dá asma” (CIORAN, 2011, p.33) Tendo em vista esse aforismo, percebe-se que para um pessimista cioraniano a atitude mais nobre em relação à propagação de um conhecimento filosófico seria o ato da dúvida, de negar qualquer afirmação sobre as conjecturações absolutas da existência. Uma simples exclamação, para Cioran, é objeto de repulsa e desprezo. A nobreza da filosofia está, para um pessimista, na repulsa de qualquer absoluto, no desprezo de qualquer ideia de verdade ainda que seja provisória e na negação de todo pensamento que procura construir algo, pois com honestidade não se pode compreender nada da existência. No entanto, de acordo com o filósofo, em contato com os iletrados a sensação de verdade passa a ter uma impressão mais forte:

Só em contacto com o analfabeto experimentei uma sensação de verdade, um estremecimento do ser: os pastores de Cárpatos causaram-me uma impressão muito mais forte do que os professores da Alemanha ou do que os espíritos maliciosos de Paris, e em Espanha vi mendigos dos quais gostaria de me ter feito hagiógrafo (CIORAN, 1988, p.105).

Portanto, a nobreza para um aderente do pessimismo filosófico talvez seria a devoção a preguiça, em não produzir nada, não absorver

nada integrando a negatividade na vida como os três macacos sábios do provérbio japonês, que são eles: Kikazaru (que tapa os ouvidos), iwazaru (que tapa a boca) e mizaru (que cobre os olhos) ou, na concepção do filósofo romeno, permanecer em estado catastrófico “como uma marionete quebrada cujos olhos tivessem caído para dentro” (CIORAN, 2011, p. 41). Porém, como afirma Cioran, somos uma “Raça de tagarelas, de espermatozoides verbosos, estamos *quimicamente* ligados à palavra” (CIORAN, 2011, p.19). Sobre a ideia da *verdade* o filósofo reitera: “Mania de adolescentes ou sintoma de senilidade. Todavia, por um resto de nostalgia ou por necessidade de escravidão, continuo a procurá-la inconscientemente, estupidamente” (CIORAN, 1988, p. 86). Não só os preciosos intelectos, mas toda a raça humana sempre tem algo a dizer. Ao conversar com um mendigo sobre as incertezas da vida, Cioran esclarece:

Os outros, dizia-me um mendigo, têm prazer em avançar; eu, em recuar. Feliz mendigo! Eu nem sequer recuo; fico... E a própria realidade fica, imobilizada pelas minhas dúvidas. Quanto mais dúvidas alimento a meu respeito, mais dúvidas projeto nas coisas, vingando-me sobre elas das minhas certezas. Que tudo pare se já não posso conceber nem dar um passo na direção seja de que horizonte for. Uma preguiça mais velha prega-me a *este* instante...E quando, para sacudir, alerto os meus instintos, caio numa outra preguiça, nessa preguiça trágica que se chama melancolia.” (CIORAN, 1988, p.164).

Todas as elucubrações filosóficas, para Cioran, não passam de ilusões. O homem, por medo de sofrer com a realidade, faz da palavra um estratagema para construção de ilusões confortantes. Um equívoco para Cioran: “Nos empenhamos em abolir a realidade por *medo de sofrer*. Coroados nossos esforços, é a própria abolição que se revela fonte de sofrimentos” (CIORAN, 2011, p. 106) Conforme aponta Antonio Carlos Petean as “Teorias ou normas morais que prometem o paraíso e um novo homem são ilusões, para Cioran e para Nietzsche, pois são o melhor exemplo de nossa tendência em negar o caos” (PETEAN, 2015, p. 69).

Enquanto o filósofo alemão Friedrich Nietzsche utilizava o martelo

para negar as ideias absolutas, Cioran destruiu o pensamento positivo a golpes de punhal, esfacelando todas as produções filosóficas e os absolutos que obtiveram domínio ao longo da história. Contudo, os filósofos positivistas ou, como classificados por Cioran, os “vendedores de ilusões” optam pelo pensamento de um ideal e pela contaminação do verbo.

Sendo assim “Cada vez que temos uma ideia, algo apodrece em nós” (CIORAN, 2011, p.31). Logo, o pessimismo cioraniano induz o leitor a se entregar no quietismo cético, na rejeição de qualquer ideal. No entanto, se somos biologicamente construtores de ideias e para Cioran toda ação, ideia e pensamento é mera utopia seria a morte o fenômeno necessário para o triunfo da vida?

3. A MORTE EM CIORAN

Para o filósofo, na vida não temos nada a ganhar ou perder. Nada tem sentido ou importância alguma. Na sua perspectiva, cada passo na vida é um passo em direção à morte. Todas as lembranças, sentimentos e paixões serão, em algum momento da vida, desintegradas convertendo-se ao Nada. Alguns temem a morte como um dos grandes males da humanidade, entretanto, outros esperam por ela ansiosamente como único meio de anestesiarem as dores da existência. 136

A morte é uma das principais idiossincrasias da vida, com a ideia da finitude do corpo o homem percebe que, de fato, nada tem importância alguma. Nos últimos momentos de vida é congruente afirmar que os bens materiais acabam perdendo seus valores, inclusive o próprio medo da dor se esvai dos sentidos. Essa condição existencial é representada na novela de Leão Tolstói: *A morte de Ivan Ilitch*. Na referida obra uma espécie de indiferença em relação aos bens materiais, a dor e a morte surgem no protagonista em seus últimos minutos de vida:

Prestou atenção à dor.

“Bem, aqui está. E agora? Deixe a doer”

“E a morte... Onde está?”

Procurou o temor cotidiano da morte e não o encontrou

(TOLSTOI, 1997, p. 91).

A reflexão de Ivan Ilitch, em seus momentos finais, é paralela ao pensamento cioraniano no tocante à morte como um alívio da dor do existir como sinônimo de viver: a estagnação do sofrimento tanto físico quanto psicológico. Todavia Cioran menciona o personagem de Tolstoi na obra *A queda no tempo*:

Seguem-se dois capítulos sobre o despertar provocado pela doença que gratifica a vítima com um inestimável suplemento de ser. Cioran estuda os seus efeitos no herói de Tolstoi, Ivan Ilitch, às voltas com o *mais antigo dos medos*: “É ele que, destruindo-o, confere-lhe uma dimensão de ser”, escreve Cioran” (JAUDEAU, 2001, p. 52).

Tolstoi apresenta importantes reflexões sobre a morte, fenômeno imanente da existência humana. Assim, é notado a consonância reflexiva sobre a morte entre esses dois escritores. Para o filósofo romeno, quando o homem sente que o seu fim está próximo ele passa a enxergar a existência tal como ela é e o que ele vê: vê que a existência não tem importância alguma:

137

Graças à sensação da presença da morte na estrutura vital, introduz-se implicitamente um elemento do Nada na existência. Não se pode conceber a morte sem o Nada e, portanto, nem a vida sem um princípio de absoluta negatividade (CIORAN, 2011a, p. 40).

Esse medo avassalador, causado pela ideia da morte advém da ideia negativa da não existência. Do ponto de vista do pensamento a não existência, propriamente falando, não pode se quer ser pensada. Do que o homem, então, tem medo? O homem tem medo do desconhecido, pois tudo o que é desconhecido passa a ser extraordinário e assombroso. De acordo com Pecoraro não se pode dizer aquilo que não conhece, o que não conhecemos se resume em nada, “Não é possível dizer o nada, pode-se apenas senti-lo, sofrê-lo, padecê-lo” (PECORARO, 2004, p. 161). Por ser impossível entender o percurso da alma - se é que ela existe e sobrevive após a morte do corpo, como prega a religião -, o homem sente

um medo incalculável ao pressentir que ela está próxima. A iminência da morte se revela na agonia paulatina.

O fato de o Nada estar envolvido na idéia de morte é comprovado pelo medo da morte, que não é outra coisa senão o temor do Nada ao qual a morte nos arremessa (CIORAN, 2011a, p. 40).

Para Cioran, viver sem a sensação da finitude do eu significa experimentar a fantasiosa negligência do homem medíocre. Uma das principais ilusões do homem medíocre está em crer na eternidade da vida transcendente, estando ela sobre qualquer tipo de finitude. Suposições metafísicas, como as ideias que fundamentam as religiões de salvação, propõe, por exemplo, a continuidade da vida após a morte. Isso revela o traço ingênuo do equilíbrio vital. Porém, ainda assim, nos momentos da proximidade da morte, até mesmo o homem ingênuo, citado por Cioran, passa à oscilar nas suas convicções.

A vida do homem ingênuo não é perturbada, pois o caminho de entrada na morte perpassa de maneira inconsciente, com a diminuição das sensações vitais. Com a sensação da realidade da morte a presença do Nada na existência pode ser concebida. Não se pode pensar na morte sem o vazio absoluto, do mesmo modo que não é possível pensar na vida sem o princípio da não existência. Para Cioran, é impossível que aquele que pensa seriamente sobre o fenômeno da morte não tenha também o medo do desconhecido. Portanto, na sua metafísica negativa percebe-se que até mesmo aquele que crer na imortalidade da alma acaba sentido o receio da finitude do corpo:

Quem afirma que o medo da morte não tem uma justificação profunda pelo fato de não existir morte enquanto existe um *eu*, e que o eu desaparece ao morrermos, esquece-se do estranhíssimo fenômeno da agonia paulatina (CIORAN, 2011a, p. 41).

Destarte, o próprio Epicuro afirmava que o homem não deve temer a morte, pelo fato de que quando existimos ela não existe, ao passo que quando ela existe somos nós que não existimos. Para Cioran “... embora

Epicuro quisesse livrar os homens do medo da morte e dos deuses, ele próprio experimentava ambos” (CIORAN, 1988, p. 136). Destarte esses filósofos também levavam consigo a agonia da morte e, por serem demasiados orgulhosos, não declaravam o seu real desespero ante a sensação de agonia causada por este fenômeno dramático que é o não mais existir.

Logo, para Cioran, no íntimo desses filósofos, a exemplo de Epicuro, encontra-se um desespero terrível sobre a finitude da vida e eles são, na verdade, os que mais tremem. Portanto, para Emil, a filosofia é a arte de martirizar a consciência, como propósito de enganar o mundo sobre o verdadeiro método de filosofar. De acordo com Martins(2018), “A tentativa de fazer uma filosofia apenas ‘positiva’ sempre encalha nas fronteiras do nada, do não ser”. Ainda afirma Martins (2018), “O remédio para suportar a morte é vivê-la plenamente, destruindo todo apelo à vida”.

Assim, para Cioran, a profilaxia estoica composta pela *ataraxia* e a *aponia* seria a solução correta para anestesiarem as dores do desejo e do próprio existir. De acordo com Reale, a *ataraxia* “Designa a atitude de tranquilidade da alma, e de imperturbabilidade que caracteriza o sábio, segundo a maior parte das escolas da era helenística” (REALE, 2014, p. 33). Já o termo *aponia* é designado como a ausência da dor que resulta da anestesia do corpo e da alma. Quanto à *aponia* o filósofo diz: “No contexto do pensamento epicurista, a aponia coincide com o prazer catastrófico, ou seja, com o prazer em repouso, que se opõe ao prazer em movimento, ao qual estão sempre ligadas a perturbação e, portanto, a dor” (REALE, 2014, p. 26).

Para além do epicurismo, a noção de imperturbabilidade da alma também se encontra na corrente de pensamento chamada cinismo. Destarte para Diógenes, filósofo expoente do cinismo, o método necessário a conquista da felicidade pode ser resumida em dois conceitos: A prática do exercício *áskesis* e da *pónos*. Segundo Reale:

O método que pode conduzir à liberdade e à virtude e, portanto, à felicidade, resumia-se, para Diógenes, nos dois conceitos essenciais de ‘exercício’ [...] e ‘fadiga’ [...], que consistiam numa prática de vida própria para temperar o físico e o espírito ante as

fadigas impostas pela natureza e, ao mesmo tempo, apta para habituar o homem ao domínio dos prazeres e, mais ainda, ao ‘desprezo’ deles... (REALE, 1994, p. 29-30, grifos do autor).

De acordo com Pecoraro, ““A felicidade está no erro. Esquecer, ignorar, adormecer: eis a receita mais fácil e econômica para encarar a vida com um sorriso de hiena, ambicioso e cruel.” (PECORARO, 2004, p. 208). Em Cioran a felicidade pode ser descrita em simetria com o pensamento de Diógenes, o cínico. Ao ser entrevistado por Sylvie Jaudeau, Cioran diz:

Toda ação é fonte de infelicidade, pois agir contraria o equilíbrio do mundo; é estabelecer um objetivo e projetar-se no devir. O menor movimento é nefasto. Detonam-se forças que podem ser esmagadoras. Viver realmente, é viver sem objetivo (JAUDEAU, 2001, p. 21).

Destarte para Cioran o encontro da felicidade se dá no desprezo dos sentidos, na indiferença da vida, na aceitação da morte e de todos os fenômenos da existência. Uma vida em estado cataléptico, sem objetivos ou paixões. Nesse ínterim, Emil Cioran traz um novo questionamento sobre a morte e a salvação eterna: 140

Não seria o Nada portanto uma salvação? Mas como pode existir uma salvação no Nada? Se a salvação na existência é quase impossível, como será ela possível na ausência completa de qualquer tipo de existência? (CIORAN, 2011a, p. 43).

Dado o exposto, o filósofo sincero reconhece que não há motivos para desejar uma suposta salvação visto que, após o fim da vida, o destino do homem será sempre o mesmo, ou seja, deixar de existir, perdendo todo e qualquer contato com o vital. O filósofo reitera: “Posto que não há salvação no Nada nem na existência, mando este mundo aos diabos, junto com todas as leis eternas!” (CIORAN, 2011a, p. 43). Demonstrando, assim, uma total indiferença no tocante à suposta salvação eterna e a irremediável agonia do fim em direção ao Nada.

4. A INSIGNIFICÂNCIA DA VIDA

A presença da vida é questionada constantemente pelo filósofo. Segundo Martins, “Na contemporaneidade, muitas coisas não fazem sentido, a vida é uma destas coisas que carecem de sentido” (MARTINS, 2018, p. 3) e acrescenta, mais adiante: “O pensador romeno concebe a existência como sinônimo de vida” (MARTINS, 2018, p. 4). Desse modo, podemos afirmar que na perspectiva cioraneana a existência é sinônimo de vida e ambas carecem de sentido. Assim surge o recurso do suicídio como forma de remediar a inconveniência de ter nascido. Contudo, apesar do suicídio ser considerado por muitos filósofos como um mal predominante no decorrer dos séculos, para Cioran a ideia do suicídio foi um bem, foi a sua salvação.

Para o filósofo romeno o recurso da última tentação sempre esteve vinculado com a ideia de liberdade recorrendo a ele o homem prova a insubmissão a Deus, sendo assim um ser livre. Logo, conforme aponta Petean, para Cioran o suicídio “converte-se num bem maior que o nascimento, pois o nascer segundo sua análise é a origem de todos os males. Nascer, para Cioran, é entrar no universo dos sofrimentos”¹⁴¹ (PETEAN, 2015, p.81). Para além disso, também ligado com a noção de liberdade, encontra-se a capacidade de desapegar-se de crenças e dogmas. Tal como afirma Petean, “Para Cioran, o homem só é verdadeiramente livre quando não possui crenças, quando seus ídolos estão mortos e a idolatria suspensa” (PETEAN, 2015, p.47). Dando continuidade a insignificância da vida, Cioran afirmará:

É preferível ser animal do que homem, insecto do que animal, planta do que insecto, e assim sucessivamente. A salvação? Tudo o que diminui o reino da consciência e lhe vem comprometer a supremacia (CIORAN, 2010, p. 31).

Assim, para o filósofo romeno, uma vez que nada tem importância alguma, viver atormentado pela sua existência, remete a sua própria inutilidade diante do mundo: “*Estou convencido de que não sou absolutamente nada no universo, embora sinta que a única existência real seja a minha*” (CIORAN, 2011a, p. 49, grifos do autor). Com essas

palavras, o filósofo demonstra a inconveniência de fazer parte do mundo. Destarte, de acordo com a epígrafe do presente artigo, o autor reitera:

Ademais, se eu fosse obrigado a escolher entre a existência do mundo e a minha existência, eu recusaria a outra, com todas as luzes e as suas leis, a fim de planar sozinho no Nada absoluto (CIORAN, 2011a, p. 49).

Embora, a vida seja um martírio Emil Cioran reconhece que não pode abdicar dela, pois não acredita no caráter absoluto dos valores transvitais para o qual a vida deveria ser sacrificada. Além disso, para o filósofo não vale a pena matar-se, porque aquele que decide dar fim a vida sempre decide muito tarde. Desse modo, Cioran demonstra o seu extremado ceticismo, como salienta o comentador:

Como ele é um cético na medida em que duvida do seu próprio pessimismo e do seu próprio ceticismo, como ele ri de si mesmo e destrói o seu próprio pensamento, ele jamais se mataria por acreditar que a vida não tem sentido (PIVA, 2002, p. 78).

142

Assim, o ceticismo radical faz com que o filósofo duvide do seu próprio pensamento, até mesmo do suicídio como forma de reparar a inconveniência da vida. Além disso, de acordo com Pecoraro:

[...] quem não ama a vida não pode matar-se, quem a considera intrínseca e irremediavelmente sem sentido não pode abandoná-la. O suicida deseja a vida; ele encontra-se extasiado e enfeitiçado a tal ponto que, revelados os enganos, redescoberta a lucidez, derrubado o esquecimento, suicida-se para lhe fornecer sentido (PECORARO, 2004, p. 128).

Destarte, como Cioran considera a vida injustificada e um fardo, castigo do mau demiurgo, ele mesmo percebe que suicidar-se é uma ação inútil e desnecessária. Logo, como afirma Petean:

Resistir as tentações metafísicas, as explicações que remediam a

dor só cabe ao cético, aquele que tem a dúvida como única companheira e não sofre a tentação de agir. Mas o cético Cioran, tentado pela morte, comporta em si o pensamento sobre o suicídio. Afinal, se tudo é dissolvido ao menor golpe desferido pela dúvida, então porque agir sobre este mundo? (PETEAN, 2015, p. 82-83).

Desse modo percebe-se a recusa do suicido pois para o filósofo romeno “... não vale a pena morrer ou matar por algo que não se justifica” (PETEAN, 2015, p. 80). Tendo em vista que a morte eliminaria somente o indivíduo, mas não a essência, isto é, o eu transcendente. Logo, são os que amam a vida que buscam uma alternativa para remedia-la e é no suicídio que encontram uma manifestação de querer viver uma nova vida, quiçá menos dolorosa.

Eis, portanto, a instauração de paradoxo: quem tem amor a vida envereda-se pelo suicido, já quem a odeia continua a existir porque não acredita na possibilidade de dar um sentido à vida, declarada, *a priori*, insignificante. Logo, nas palavras de Cioran, “Só suicidam os otimistas, os otimistas que não conseguem mais sê-lo. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, por que a teriam para morrer?” (CIORAN, 2011b, p. 68). É a este contexto que a afirmação sobre a ausência de sentido da existência, ganha ares de confissão dramática, nas palavras de Rossano Pecoraro:

É isso que me aterroriza: andamos por aí sem nenhum motivo, sentido, objetivo, rumo. Talvez seja necessário vencer o nojo pela vida, ultrapassar as evidências e aguentar mais uma garrafa... (PECORARO, 2004, p. 203).

A obra de arte *Café de noite*, de Vicent Van Gogh, em termos estéticos representa bem o marasmo da vida cotidiana na qual a vida está imersa e a partir da qual é preciso suportá-la entorpecendo-se com o que for necessário para conquistar um momento de pseudofelicidade, fim do desespero e anestesia dos sentidos. Destarte, o poema *Embriagai-vos* do poeta francês Charles Baudelaire apresenta, com demasiado lirismo, um método de fuga do *devoir*:

Deve-se estar sempre embriagado. Nada mais conta. Para não sentir o horrível fardo do Tempo que esmaga os vossos ombros e vos faz pender para a terra, deveis embriagar-vos sem tréguas. Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, à vossa escolha. Mas embriagai-vos. E se algumas vezes, nos degraus de um palácio, na erva verde de uma vala, na solidão baça do vosso quarto, acordais, já diminuída ou desaparecida a embriaguez, perguntai ao vento, à vaga, à estrela, à ave, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai que horas são; e o vento, a vaga, a estrela, a ave, o relógio vos responderão: “São horas de vos embriagardes! Para não serdes os escravos martirizados do Tempo, embriagai-vos sem cessar! De vinho, de poesia ou de virtude, à vossa escolha” (BAUDELAIRE, 2005, p.189, grifos do autor).

Assim a angústia de Baudelaire segue de mãos dadas com o desespero de Cioran. Ademais, a queda no tempo pode ser vista como **144** um martírio, uma prisão sem muros. Logo, para os dois autores a fuga do tempo se dá no esquecimento, na inércia dos sentidos ou também na audácia do riso tragicômico que possibilita ao homem explorar as rachaduras quase inexistentes do *devir*.

Todavia o humor negro, se é que se este humor pode assim ser assim classificado, do filósofo romeno é a forma de renunciar a todos os fracassos de sua vida. Certamente, rir de si mesmo é o método uma vez que o pensamento não encontra motivos para justificar a existência ou suprimi-la. Não é de se estranhar a presença, em alguns momentos, do cinismo em consonância com o estoicismo, fato que é notável, sobretudo, na sua primeira obra *Nos cumes do desespero*. Todavia, para Cioran, a esperança de alcançar o esquecimento absoluto toma forma de estratégia como rejeição da supremacia da consciência, da insignificância da vida e do mundo. Diz o filósofo: “Deixo por escrito, para todos os que vierem depois de mim, que não tenho em que acreditar neste mundo e que a única escapatória é o esquecimento absoluto” (CIORAN, 2011, p. 64). A vida sendo concebida como um martírio leva

o filósofo a abster-se de qualquer justificação e significado, fatigado pelo próprio pensamento Cioran confessa:

Não quero saber de mais nada, nem mesmo saber de que nada sei. Para que tanta complicação, discussão e aborrecimento? Para que tanta consciência da morte? Basta de tanta filosofia e tanto pensamento! (CIORAN, 2011, p.64-65).

Contudo, por ironia do destino, o filósofo cético conviveu nos últimos dias de vida com o mal de Alzheimer, doença cujos sintomas parecidos com o que ele pregava como alívio para o seu sofrimento, tais como o esquecimento, o desconhecimento das próprias palavras e a diminuição gradativa da consciência.

5. A CORRUPÇÃO DO HOMEM PELO ESFORÇO DO TRABALHO

Para o filósofo romeno, os homens, na sua grande maioria, trabalham tanto que passam a deixar de ser eles mesmos. Se para alguns o esforço gasto com o trabalho é uma forma de dignificar e dar sentido a vida, para Cioran este empreendimento é sinal claro de fuga e despersonalização: 145

O trabalho contínuo e ininterrupto idiotiza, trivializa e impersonaliza. Ele desloca o centro de preocupação e de interesse da zona subjetiva para uma zona objetiva das coisas, para um plano insípido de objetividade. O homem, neste momento, não se interessa por seu destino pessoal, por sua educação interior, pela intensidade das fosforescências internas ou pela realização de uma presença irradiante, mas por atos, por coisas (CIORAN, 2011a, p.122-123).

Tendo em vista essa perspectiva, percebe-se uma ligação com o cinismo. A doutrina cínica foi uma escola filosófica da Grécia Antiga fundada por Antístenes, discípulo de Sócrates. Entretanto, foi Diógenes o seu maior expoente, na antiguidade. A ideologia destes filósofos estava marcada pelo desprezo às convenções sociais, ao dinheiro e qualquer

meio de riqueza pessoal. Também compactuavam com a repulsa aos bens materiais. Este último preceito foi levado ao extremo por Diógenes, o Cínico, ao zombar da autoridade de Alexandre o Grande e morar em um barril.

Portanto, para Cioran a essência do trabalho está na atividade de contínua transfiguração, do contrário o homem passaria a ser um Sísifo degradado pela maldição do trabalho excessivo e inútil. Segundo Cioran, os homens que trabalham em demasia não se interessam por uma educação interior, buscam apenas a objetividade das coisas. Logo, aponta: “Trabalhar para viver, eis uma fatalidade que, para o homem, é mais dolorosa do que para o animal” (CIORAN, 2011a, p. 123). Quiçá, as influências de Diógenes contribuíram para a reflexão do filósofo romeno no tocante ao trabalho. Destaque para a radicalização do cinismo, ou o modo de vida dos filósofos dessa doutrina. Na perspectiva cioraniana o trabalho transforma o homem em um simples objeto, uma máquina isenta de subjetividade, raciocínio e reflexão.

6. CONCLUSÃO

146

Tendo em vista os aspectos observados na obra *Nos cumes do desespero*, como também nos demais textos que foram utilizados, encontramos subsídios para compreender a existência humana e suas idiossincrasias na perspectiva do filósofo romeno. Podemos acrescentar que o desespero do jovem Cioran foi a ferramenta necessária para a construção de sua ontologia negativa. A ideia do Nada enfatizada na ontologia cioraneana é fundamental para compreender todo o processo da existência e a aceitação da natureza humana – finita e sem sentido –, diante dos fenômenos da vida.

A leitura do livro exige conhecimentos prévios para ser, de fato, entendido. A forma como o ele é exposto, através de analogias, nos auxiliam na compreensão. A obra *Nos cumes do desespero* apresenta o modo como a linha racional do filósofo é trabalhada, pela transcendência das impressões que o mesmo desenvolve a partir dos fenômenos que, claramente, são as causas de todas as suas abstrações. Finalmente, podemos ampliar o nosso entendimento acerca do pensamento do

filósofo Emil Cioran e, inclusive, aceitar e até questionar, por meio de uma análise crítica, os numerosos devaneios da existência em que, constantemente, somos submetidos.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Os paraísos artificiais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CIORAN, Emil. **Do inconveniente de ter nascido**. Lisboa: Letra Livre, 2010.

_____. **Nos cumes do desespero**. São Paulo: Hedra, 2011a.

_____. **Silogismos da amargura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

_____. **A tentação de existir**. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.

MARTINS, Jasson. **Metafísica como ontologia negativa em Emil Cioran**. Vitória da Conquista: UESB, 08/10/2018, 14p. Texto não publicado e não revisado. ¹⁴⁷

JAUDEAU, Sylvie. **Cioran: entrevistas**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

PECORARO, Rossano. **Cioran a filosofia em chamas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

PETEAN, Antonio Carlos. **Fanatismo, dúvida e suicídio em Cioran**. Jundiaí: Paco Editorial: 2015.

PIVA, Paulo. *Odiu fati*: Emil Cioran, a hiena pessimista. **Cadernos Nietzsche**, v. 13, 2002, p. 67-88.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1994. [v. 3].

_____. **Léxico da filosofia grega e romana.** São Paulo: Loyola, 2014. [v. IX].

TOLSTOI, Leão. **A morte de Ivan Ilitch.** Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.

Ingresson Oliveira de Jesus

<http://lattes.cnpq.br/8950324564516909>